
Pelo bairro: um exercício descritivo da prostituição de travestis no Jardim Itatinga

Letizia Patriarca



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3501>

DOI: 10.4000/pontourbe.3501

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Letizia Patriarca, « Pelo bairro: um exercício descritivo da prostituição de travestis no Jardim Itatinga », *Ponto Urbe* [Online], 20 | 2017, posto online no dia 30 junho 2017, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3501> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3501

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

Pelo bairro: um exercício descritivo da prostituição de travestis no Jardim Itatinga

Letizia Patriarca

Da rodovia dos Bandeirantes, pego o acesso para outra estrada, que dista ainda cerca de 10 km do centro da cidade de Campinas e no outro sentido conduz ao Aeroporto Internacional de Viracopos e a outras cidades do interior paulista. Seguindo as placas, chega-se facilmente ao bairro Jardim Itatinga, com um limite geográfico demarcado, por ser entrecruzado por essas rodovias.

Antes de atravessar o viaduto, de um lado, há um grande motel. Do outro, avisto que o drive-in está repintado e agora possui um nome/marca. Ao lado, galpões de grande extensão, sendo um ferro-velho, uma borracharia, uma mecânica, uma loja de autopeças e outro grande motel. Sigo com meu carro pela rua vicinal à estrada que ladeia o bairro, passo por postos de gasolina, um ponto de táxi e pontos de ônibus. Dentro do bairro estes ônibus não circulam, mas como não é muito extenso, o Jardim Itatinga pode ser percorrido a pé. Há ruas esburacadas, uma ou outra sem asfalto, calçadas craqueladas, salpicadas de cacos de vidro e pacotes de camisinhas. Quando ando com alguém de salto alto, fico pensando na arte de manejá-lo nesse piso.

Estou voltando ao bairro após o recesso do final do ano de 2014 e avisto novos estabelecimentos, reformas em casas de prostituição, em botecos e um novo salão de cabeleireiro. Uma casa reformada me chama particularmente atenção, pois estava funcionando no esquema que costuma ser usado de noite no bairro, mas observo que ainda está claro. É um modelo que parece exigir maior investimento, pois havia profissionais do sexo e homens “laçadores”, chamando clientes para entrar no estabelecimento. Perfiladas/os no meio da rua (e não nas calçadas), conseguem abordar os veículos que transitam pelos dois sentidos. Três homens com camisa branca, gravata e calça azul escura de terno ao lado de mulheres com vestidos curtos. Não deixo de pensar que o calor, com sensação térmica de quase 40 graus, não devia ser fácil para estes homens que gesticulavam incessantemente para que os carros estacionassem na casa diante da qual estavam e para qual trabalhavam.

Passo pelo CEPROMM, a sede do Centro de Estudos e Promoção da Mulher Marginalizada que atua no Jardim Itatinga e como é começo de janeiro, estava

fechado para as férias, de forma que as vagas de estacionamento que oferece estavam barradas por correntes. Penso nas correntes desta sede, protegendo vagas esvaziadas. Simbólica e ironicamente diz muito sobre a atuação salvacionista desta instituição, contrastada pela atuação de Bianca, travesti e puta, que há anos atua nesta instituição e fora dela, fazendo questão de levar o debate da “profissional do sexo que não é coitadinha”.

Percurso ainda um portão com uma madeira e seu escrito improvisado de tinta alertando: “residência familiar”. Dentre diversos e inúmeros estabelecimentos com banners e letreiros que indicam que ali funcionam casas de prostituição, há alguns poucos portões no bairro com essa indicação. Estaciono com a atenção de sempre, para que o carro não atrapalhe a visibilidade das profissionais que estão nas calçadas e performam seu trato com os clientes, que passam quase que exclusivamente de carro, moto e caminhão.

Nesse dia, havia mais carros estacionados na rua que de costume; sendo que os veículos de clientes não costumam ficar nas ruas, estacionando nos estabelecimentos nos quais as profissionais alugam os quartos para o programa. Há também a possibilidade de realizar programas dentro do carro ou em um estacionamento, de forma que não pagam o valor do aluguel do quarto para a dona da casa de prostituição.

Já na frente de uma dessas casas, avisto Márcia sentada em uma cadeira de balanço, Miriam em pé e sempre com seu iPhone na mão e Cintia, sentada em uma mureta. São as travestis que vejo há três anos pelo bairro, de costume, fazendo ponto juntas, sempre com maquiagem, suas roupas de marca e apresentação impecável. Elas aproveitam a sombra debaixo de uma árvore, na qual também penduram suas bolsas, sendo pegadas de forma quase que ritual quando vão em direção a um carro ou a um quarto para realizar um programa.

Contam-me que estava ocorrendo uma reunião da Associação Mulheres Guerreiras, que atua em prol do reconhecimento e melhores condições para profissionais do sexo de Campinas e região. Daí descubro o motivo dos carros na rua. Passo pela reunião, na qual se discute um caso de violência policial que acometeu o bairro em outubro de 2013, quando policiais militares sitiaram o Jardim Itatinga por um final de semana inteiro.

Encerrada a reunião, falo com Lígia, sentada diante da manicure que atende as profissionais do sexo, que ficam nas calçadas do Jardim Itatinga. Ambas negras, Lígia travesti sorridente com seus vinte e poucos e Virgínia mulher vivida com seus quarenta e muitos e a determinação de arrastar seu carrinho com os apetrechos de manicure por todo o bairro. Converso também com Sílvia, uma travesti negra, que conta ser de Cuiabá e começa a me falar de sua relação com seu namorado, que é ciumento a ponto de tê-la agredido fisicamente. Eu já me contorcia com a história dele ter apertado seu pescoço em uma festa, até que Sílvia conta que um dia lhe revidou com um soco na cara e desde então nunca mais ele “se meteu a besta” com ela.

Depois acompanho Bianca em suas atividades diárias de manutenção dentro de um pensionato. Além de inúmeros quartos onde as travestis dormem em beliches, há uma quantidade infindável de orquídeas, paixão de Bianca. Nada em pouca quantidade, há também quase tantos pequenos cachorros quanto a quantidade de travestis que dormem nos quartos. As que ficam mais tempo no bairro - pois muitas passam somente dias ou temporadas, retornando para suas cidades para visitar suas famílias ou circulando por outras cidades para realizar programas - acabam cuidando de um cachorro em especial. Um outro dia, fui com Márcia, em seu carro zero km, levar um cachorro que estava doente. Márcia aproveitou para comprar um xampu de quase 50 reais - o mesmo preço médio que cobra por meia hora de programa - para o seu cachorro, do qual ela cuida tão bem quanto de sua apresentação pessoal.

Vou ainda até outra casa de travestis no bairro. Aproveito para colecionar os vários nomes dos diversos estabelecimentos do Jardim Itatinga. Há categorizações como

drink bar, show bar, boate, nomes que acionam fetiches como “As cariocas”; banners com closes de bundas e mulheres seminuas em poses sensuais. Mesmo quando não estou acompanhada de alguém do bairro, minhas andanças são estranhamente tranquilas, não sendo assediada por nenhum homem de carro - ironicamente oposto ao meu movimento diário a pé pelas ruas de qualquer outro local.

Chegamos na ampla e reformada casa de Jéssica, uma travesti negra, com cerca de 30 anos, que já morou na Europa. Em seu estabelecimento há somente duas vagas para carros, mas um longo corredor com cerca de 8 quartos para realização de programas. Noto pela primeira vez que há máquina para passar cartão, o que pode facilitar o pagamento e parcelamento do programa por parte do cliente. Na entrada há um sofá e nada que indique venda de bebidas ou espaço para socializar antes do programa.

Acompanho uma conversa sobre os preparativos para o evento do 29 de janeiro, Dia Nacional da Visibilidade de Travestis e Transexuais, que seria realizado no Jardim Itatinga. Chega um amigo de Jéssica de carro que, meio acanhado, nos cumprimenta: beijos nas outras e comigo faz questão de apertar a mão, me olha firme nos olhos e diz se chamar Carlos. Em uma troca de frases muito rápida e decidida, Bianca lhe pede que chame seus amigos para o evento, “porque é assim, acontece que muitas não são lésbicas, e com o tempo vão descobrindo que são transgênero mesmo”. Carlos ainda meio constrangido, mas simpaticamente sorri e diz que avisará, completando “é, eu sei, tô pensando, na verdade é a Jéssica que fica me ensinando essas coisas”. Num outro dia, pergunto para Jéssica de seu amigo Carlos e ela diz que ele é homem trans, que o acha uma graça também, mas que ele namora e é só seu amigo.

Já está escuro, são cerca de 20h e algumas ainda estão se arrumando para começar o trabalho, abordando clientes. Por fim, volto para meu carro e no ponto na rodovia avisto um grupo de travestis que espera o ônibus para ir trabalhar em outra cidade.

- 1 Esta longa descrição, adaptada do meu diário de campo do início de janeiro de 2015, pretende ilustrar a imbricação entre o bairro e a prática da prostituição que é ali realizada, com foco nas experiências de travestis com donas e suas casas de prostituição¹. Longe de somente situar a leitura, a descrição aparece como uma forma de análise, fundamental para compreensão de como o Jardim Itatinga se estrutura e, ao mesmo tempo, como possibilita determinadas relações na prostituição e nas vivências das travestis profissionais do sexo que por ali moram, circulam e trabalham. Como aponta Michel Agier “a localidade jamais é uma questão evidente, ou seja, o espaço constitui um desafio simultaneamente prático e teórico” (2011, p. 10).
- 2 Com esse trecho inicial também pretendo compartilhar minha exasperação em relação à intensa dinâmica das relações, pessoas, associações e acontecimentos no bairro. Sempre que voltava do Jardim Itatinga, ficava com a cabeça cheia de coisas, sem saber ao certo o que focar na escrita. Nesse sentido, explícito a ineficácia de uma generalização ou tentativa de abarcar uma totalidade na análise do bairro, das trocas na prostituição e das vivências de travestis ali realizadas. Marilyn Strathern, ao explorar o efeito etnográfico, afirma que a escrita etnográfica cria um segundo campo, que deve fazer sentido para outro público, mas mantendo uma “recriação imaginativa de alguns dos efeitos da própria pesquisa de campo” (2014, p.346). Dessa relação complexa entre estes dois campos, a/o etnógrafa/o não sabe de antemão o que vai ser significativo e também não pode abarcar todos os elementos, de forma que Strathern define o trabalho antropológico permeado por uma espécie de premonição da perda.
- 3 Sendo assim, no recorte deste artigo argumento que o bairro Jardim Itatinga e as experiências de travestis na prostituição possuem uma relação inextricável e não há como

analisá-los como duas esferas separadas ou como se uma fosse somente o plano de fundo analítico da outra. Seguindo a atenção de Michel Agier para construções identitárias, de como as pessoas fazem a cidade, “*não é a identidade num sentido substancial, abstrato, mas sim em seu sentido situacional: com que tipo de lugar, de situação, de configuração, em dado momento, eu me identifico.*” (2011, p.52). Nesse sentido, as vivências enquanto travestis e profissionais do sexo são analisadas aqui, a partir especificamente do bairro Jardim Itatinga e da atuação da organização política da Associação Mulheres Guerreiras, trazida na descrição inicial. Contudo, pela movimentação das interlocutoras e pelas suas falas, fica latente que tais vivências não são somente enquanto travestis e profissionais do sexo, ou melhor, que nem sempre são assim categorizáveis.

- 4 Para tal, neste artigo será melhor detalhada a especificidade do bairro Jardim Itatinga, que vai aparecendo como sinônimo para prostituição. Percorro um argumento circular: partindo dos elementos da descrição inicial, trago a configuração característica do bairro, atentando para como possibilita determinadas vivências de travestis na prostituição; ao mesmo tempo, evidencio algumas experiências de travestis nas ruas e nas casas de prostituição do bairro, pois estas conformam a especificidade do Jardim Itatinga. Trata-se de um bairro periférico com uma relativa autonomia, no qual as trocas e negociações de programas podem ser mais livremente realizadas nas ruas do bairro, por meio da concentração de inúmeras casas de prostituição. Para melhor esboçar esta característica, trabalho detidamente com a noção de heterotopia de Michel Foucault. Por fim, através do caso de violência policial ocorrido no bairro em 2013, frequente em contextos de prostituição de rua, concluo argumentando a importância da dinâmica da prostituição para o Jardim Itatinga e para as vivências de travestis que ali trabalham.

Heterotopia

- 5 A localização do bairro, entrecortado por grandes rodovias e distante do centro da cidade de Campinas, caracteriza-o tanto com um limite geográfico relativamente demarcado, quanto como periférico. Somam-se a isso, as descrições das calçadas, nem sempre asfaltadas, e dos galpões de grandes extensões. Pela centralidade da prostituição para o Jardim Itatinga, os motéis de grande extensão também contribuem para sua especificidade. Penso sobretudo em oposição a pequenos hotéis/motéis de centros de cidades, frequentemente usados para programas, que costumam ser visíveis por uma escada e um letreiro luminoso, mais do que por esbanjar espaço.
- 6 Contudo, considerar o Jardim Itatinga como bairro periférico não necessariamente implica que haja uma vivência de periferia por parte de suas/seus moradoras/es e trabalhadoras/es. É justamente através da prática da prostituição ali realizada, que as travestis conseguem juntar dinheiro para suas transformações corporais e/ou para suas aspirações a bens e viagens. Silvana de Souza Nascimento, em seus trabalhos com travestis no interior da Paraíba também constatou que “*a prostituição atua como um vetor, econômico e simbólico, para a transformação corporal e facilita a aquisição de variados objetos e substâncias*” (2014, p.82). No caso relatado, Márcia com o dinheiro obtido na prostituição, conseguiu comprar em dois anos um carro 0km, no valor de cerca de 60 mil reais² e com ele levava seu cachorro de estimação ao pet
- 7 shop. Márcia também já foi *européia* (TEIXEIRA, 2008), tendo vivido alguns anos em Portugal, o que lhe conferia determinado prestígio e respeito, tanto entre as outras travestis que circulam pelo bairro, quanto pelos clientes.

- 8 No Jardim Itatinga, os variados estabelecimentos do bairro variam em arranjos, podendo apresentar banners ilustrativos, cobrar a entrada para shows, somente locar quartos para programas, abrigar as profissionais como moradoras ou ainda oferecer um espaço de socialização, com venda de bebidas. Por conta dessa variação, a centralidade da prostituição no bairro Jardim Itatinga torna-o referência/centralidade no que concerne essa prática. Isto também fica explícito nos discursos das travestis que buscam moradia em casas do bairro, vindas de vários locais do país – por exemplo, somente das citadas nessa descrição inicial, com relação aos Estados de nascimento: Márcia e Cintia são de Goiás, Bianca de Tocantins, Miriam de São Paulo, Jéssica do Maranhão, Lígia do Rio de Janeiro e Silvia de Mato Grosso. Em seus relatos, muitas afirmam nem sequer conhecer o restante da cidade de Campinas, frequentando somente o Jardim Itatinga por temporadas com objetivo de juntar dinheiro com os programas.
- 9 Assim como pontua Heitor Frúgoli Jr., interessa pensar o desenvolvimento de metrópoles a partir de centralidades, na medida em que ativam uma configuração multipolar:
a realidade metropolitana é hoje marcada por centros ou pólos em competição, cuja força de cada um – seja o antigo centro, sejam os subcentros posteriores – difere a partir do dinamismo econômico, do conjunto de empresas que abarcam, das políticas do poder público quanto ao desenvolvimento metropolitano e dos grupos sociais que, com diferentes intuítos, situam-se nessas áreas. (2001, p.52)
- 10 Nesse sentido, o polo do bairro Jardim Itatinga possui um dinamismo econômico centrado na prostituição, que impulsiona todas as outras atividades do bairro, como o exemplo da manicure, do novo salão de cabeleireiros, do ponto de táxi e de outros comerciantes ambulantes que percorrem as ruas do bairro. Além destas atividades, a centralidade das casas, dos banners chamativos que indicam que são casas de prostituição que funcionam no bairro, apontam para uma relativa autonomia deste, em relação a outras localidades, sendo frequente o espanto de quem vai ao bairro pela primeira vez devido a uma certa liberalidade e com a quantidade da prática.
- 11 Dessa relativa autonomia do bairro, o conceito de heterotopia esboçado por Michel Foucault, se apresenta como uma profícua ferramenta analítica para pensar o bairro com sua especificidade, mas também em relação com outros lugares e códigos. A noção de heterotopia é fruto de uma conferência realizada em 1967 no âmbito do *Círculo de Estudos Arquiteturais* de Paris, no qual discutia-se a renovação e reunificação da cidade de Berlim (FOUCAULT: 2013a, p.33). Nesse contexto, Foucault profere “*Des espaces autres*”, que será autorizado para publicação em um curto texto somente em 1984, pouco antes de seu falecimento. Desde então, há inúmeras versões de tradução, mas centralmente estas reverberam a proposta do autor de proceder a uma heterotopologia, ou seja, uma análise, uma descrição sistemática “(d)esses espaços diferentes, esses outros lugares, uma espécie de contestação simultaneamente mítica e real do espaço onde vivemos.” (FOUCAULT, 2013b, p.116).
- 12 Segundo Foucault, não estamos em um vácuo onde alocamos indivíduos e coisas, mas vivemos no meio de uma série de relações que delineiam lugares e nenhum desses é redutível ou sobrepujado por outro. Seu interesse recai na exploração daqueles lugares que estão em relação com outros, mas que suspendem, neutralizam, invertem e contradizem o conjunto das relações destes (ibid, p.115). Nesta classificação estariam: as utopias, que não correspondem a nenhuma localização real, e as heterotopias, descritas em contraste às primeiras, correspondendo a lugares que existem e são formados pela sociedade. Heterotopias seriam então *contra-lugares*, pois ao mesmo tempo que são

localizáveis, nelas se encontram representados, contestados ou invertidos outros lugares existentes.

- 13 Foucault cita um espelho como exemplificação de uma experiência mista, entre utopia e heterotopia. O espelho representaria tanto utopia, pois traz um reflexo, uma imagem de algo que não está lá onde se vê; ao mesmo tempo que é também uma heterotopia, porque há uma existência do espelho que torna possível o espaço que está nele refletido, sendo que também esta existência conecta o reflexo com o restante dos espaços, tornando-o real. (Ibid, p.115).
- 14 Partindo então da descrição de aspectos do bairro Jardim Itatinga, pretendo pensá-lo como uma heterotopia e seguindo o convite acerca de realizar uma heterotopologia, percorro os seis princípios que Foucault delinea junto a um esforço analítico de descrição do bairro. A construção desta descrição é ao mesmo tempo a exploração e delimitação da prática de prostituição que é realizada no bairro, uma vez que desde sua configuração histórica, o Jardim Itatinga é considerado e buscado para tal.
- 15 Como **primeiro e segundo princípios**, Foucault aponta para capacidade de criação de heterotopias, sendo que todas as culturas as elaborariam, de formas variadas e com um funcionamento preciso e determinado. Os tipos variariam entre: heterotopias de crise e heterotopias de desvio. As de crise seriam lugares privilegiados, sagrados ou proibidos, para indivíduos em estado de crise e seriam típicos das “*sociedades ditas ‘primitivas’*”, embora o autor também traga exemplos considerados atuais, como o serviço militar para rapazes e a noite de núpcias para uma mulher recém-casada³. Estas de crise, estariam sendo substituídas pelas heterotopias de desvio - como casas de repouso, clínicas psiquiátricas e prisões - nas quais seriam alocados indivíduos com comportamento considerado desviante em relação à norma exigida.
- 16 Nesse sentido, o Jardim Itatinga poderia ser considerado uma localidade desse tipo de heterotopia de desvio, por conta da prática da prostituição ter sido considerada desviante. Foi desta consideração, que se deu a consolidação histórica do Jardim Itatinga, bairro periférico, consolidado a partir de um articulado projeto do poder público de Campinas, que visava confinar a prostituição fora dos limites da cidade. A noção de desvio, revelada na criação do bairro, permeia comentários preconceituosos que ainda ouço com relação ao Jardim Itatinga e às pessoas que nele moram e trabalham.
- 17 Regina Mazzariol realizou um trabalho histórico-etnográfico que percorre a criação do Jardim Itatinga. “*Mal necessário: ensaio sobre o confinamento da prostituição na cidade de Campinas*” traz uma riqueza de dados sobre este processo que ocorreu no período de 1966 a 1968. A autora demonstra como a articulação entre polícia, imprensa e justiça possibilitaram o confinamento da prostituição no bairro. Havia pontos de prostituição - entendidos como lugares que possibilitam o encontro que objetiva a realização de um programa -, espalhados por toda a cidade de Campinas.
- 18 Com o crescimento populacional, foi alegado um rearranjo do espaço urbano, forçando a saída da prostituição do perímetro original da cidade. Segundo Mazzariol, a polícia, enquanto instituição autorizada pelo Estado, ficou encarregada de contatar imobiliárias para localizar um loteamento afastado da cidade, com cerca de 30 lotes ainda não vendidos e sem residências fixadas. Uma vez escolhida a região do Jardim Itatinga, a força da polícia foi acionada e por mais que fosse ilegal manter uma casa de prostituição, os policiais se encarregaram de convencer as donas das casas a adquirir os lotes e transferir seus negócios para lá⁴.

- 19 O convencimento era incrementado pelo poder judiciário, que diante da recusa à transferência agia com a instauração de inquérito policial por lenocínio. Esta atuação do poder público serviu a um projeto campineiro denominado emblematicamente de Operação Limpeza, em prol do qual bares e cortiços também foram varridos do centro da cidade. Nesse sentido de estabelecer a alegada *ordem e moral*, cabe salientar que este procedimento se deu nos primeiros anos da ditadura militar no Brasil. Segundo Diana Helene, “o Estado utilizou o planejamento urbano como suporte burocrático do terror para introjetar a disciplinarização no cotidiano das cidades.” (HELENE, 2012, p.2)
- 20 Em poucos anos o bairro Jardim Itatinga passou a ser ocupado por 70 casas de prostituição (MAZZARIOL, 1976, p.105). Interessa aqui notar como já neste trabalho os termos *dona de casa* e *casa de prostituição* eram adotados. De fato, neste primeiro levantamento empírico e documental, por volta de 1973, a autora não encontra registros de donos. Embora houvesse registros de proprietários de imóveis, central é a figura das donas, pois são elas que atuam no gerenciamento e na relação direta com as prostitutas.
- 21 Além dessa configuração histórica, o trabalho contemporâneo de Helene, na área do urbanismo, pontua que “dados do Centro de Saúde do Jardim Itatinga indicam que trabalham cerca de 2 mil profissionais do sexo no local, distribuídas em cerca de 200 casas de prostituição, de pequeno, médio e grande porte” (HELENE, 2012, p.6). Como já foi apontado, variam os arranjos dos estabelecimentos, assim como variam as negociações com as donas de casas de prostituição.
- 22 Em virtude desta consolidação histórica e urbanística, em eventos públicos decorrentes da Associação Mulheres Guerreiras, as profissionais do sexo costumam dizer: *o bairro foi feito para nós*. O acionamento deste argumento da criação do bairro serve para se opor ao estigma negativo que recai sobre o Jardim Itatinga. Nesse sentido, há uma equiparação e parece que Itatinga é sinônimo de prostituição, ambos considerados negativamente. Há relatos de muito preconceito, inclusive das vezes que me propus a acessá-lo de ônibus interurbano; na volta, à noite, foram raros os que paravam no ponto do Jardim Itatinga. Somam-se a isso as reclamações de que serviços de recapeamento das ruas esburacadas demoram meses para se efetivar e que serviços não são concluídos, quando o CEP do bairro é revelado para uma entrega. Cabe notar que existem bairros mais distantes do centro da cidade de Campinas que não passam pelas mesmas situações.
- 23 Sugiro então que o preconceito em relação ao bairro tem motivações que devem ser buscadas na articulação de alguns fatores: pelo Jardim Itatinga ser um bairro afastado da cidade, por envolver a prática da prostituição e por abrigar profissionais do sexo, que inclui travestis, que não são consideradas de luxo. Isto porque há uma vasta gama de serviços sexuais considerados “mais chiques e discretos”, mas que não caracterizam o Jardim Itatinga, com suas trocas negociadas parte na rua e parte dentro dos estabelecimentos.
- 24 A visão negativa sobre o bairro é também fruto de uma moralidade que desde o que fica explícito no trabalho de Mazzariol, perpassa o imaginário, acerca da (hetero)sexualidade de mulheres e homens. A noção da prostituição como *mal necessário* parece estar fundamentada em princípios tais como: a complementaridade e o necessário binarismo homem- mulher, a compulsão e naturalidade atribuída ao homem na sua satisfação sexual e a (im)pensabilidade de uma mulher de explorar este mesmo aspecto de sua sexualidade.
- 25 Monique Wittig, ao elaborar sobre *The Straight Mind* (1992), explicita o poder dos discursos e especificamente do discurso da heterossexualidade, afirmando que o

problema está nas consequências tirânicas de não se poder pensar para além dele, resultando em violências nas mentes e corpos (p.53). A heterossexualidade então aparece como norma e natural, “*uma relação cuja característica está intrínseca na cultura, assim como na natureza, que é a relação heterossexual. Eu a chamarei de relação obrigatória entre ‘homem’ e ‘mulher’*”. (Tradução livre, p.54)

- 26 Quanto a esta obrigatoriedade do par homem-mulher, cito somente dois episódios ocorridos no Jardim Itatinga que foram marcantes nesse sentido. Na segunda vez que fui ao bairro, sem conhecer ninguém de lá, eu estava ainda muito nervosa mas decidida a negociar um programa, para saber como funcionavam a negociação e os valores. Estando de carro com uma amiga e seu amigo, decidi perguntar a uma mulher quanto ela faria o programa comigo, para depois perguntar quanto seria com o homem que nos acompanhava. Para minha surpresa, ela corou e timidamente balbuciou *olha, eu não faço isso, mas se quiserem entrar, tem umas meninas, sei que tem umas que lá dentro fazem*. Dessa forma, vendo sua vergonha, maior que a minha, também fiquei pensando nas moralidades e preferências desta mulher, que mesmo estando ali disposta a trabalhar, podia manejar não fazer programas com outras mulheres.
- 27 Já na outra cena, também ocorrida à noite, só que mais de um ano depois desta primeira, eu estava preparada para negociar a entrada em uma casa, das raras do bairro que são fechadas e só se entra com carro, após negociação com os laçadores. Fui com uma amiga e desde o começo os laçadores nos trataram de forma cordial, gesticulando e oferecendo que entrássemos com o carro na casa. Mas ao perguntarmos quanto cobravam, disseram que para homens seria R\$10, ganhando uma cerveja, mas para nós, *podia fazer R\$30, ganhando também uma cerveja*. Ao indagar porque a diferença do preço, a obviedade no tom da resposta: *porque vocês são mulheres*.
- 28 Contudo, se há essa dimensão da heterossexualidade que molda algumas relações no bairro, há também variantes. Dentre as travestis, comentam que quase não há mulheres que buscam programas, mas Fafá contava que quando apareciam, costumava ser por vontade de seus maridos, e em seu caso, ela não se importaria de fazer o programa com o casal – embora fizesse caretas ao pensar na possibilidade de fazer programa só com uma mulher⁵.
- 29 Quanto ao **segundo princípio** elaborado por Foucault, intimamente conectado com o primeiro, alega que cada heterotopia possui uma precisa e determinada função na sociedade. Nesse sentido, a leitura que negativiza e ao mesmo tempo funda a prática da prostituição liga-se com a noção de mantê-la das famílias. A própria ideia de *mal necessário*

implica no paradoxo de considerar a prostituição como um mal, mas cuja existência deve ser garantida e manejada, pois é fundamental para produção e reprodução da sociedade.

- 30 A seguir, trago dois relatos de jornal com discursos semelhantes, que foram acionados em prol do afastamento de prostitutas mulheres e travestis do mesmo espaço físico que famílias:

"A POLÍCIA E OS COSTUMES

Hã alguns dias - e não pela primeira vez - abordamos aqui nessa coluna, o problema do "trottoir"... A avenida permanece proibida para o trânsito de famílias, senhoras e senhoritas. Algumas (ou dezenas) de decaídas lã se postam, ao longo da noite, como se estivessem desfilando em uma passarela. Em consequência, os cavalheiros à caça de aventuras às vezes confundem senhoras e senhoritas, com as prostitutas e dirigem-lhes então gracejos os mais atrevidos... Por essa razão, não se entende como possa a polícia campineira ficar indiferente a esse estado de coisas." (grifo meu) (Diário do Povo, Campinas, terça-feira, 9 de maio de 1972, pãg. 24).

(MAZZARIOL, 1976, p.16)

- 31 Este primeiro, publicado no Diário do Povo de Campinas em 1972, exemplifica a indignação de uma moradora diante do *trottoir* de prostitutas no centro da cidade de Campinas, no contexto da consolidação do bairro Jardim Itatinga. A separação entre famílias, senhoras e senhoritas da mulher prostituta é tão latente que se afirma que seu trânsito estaria proibido na presença destas últimas. Não resta dúvidas da desqualificação moral: as prostitutas são denominadas como *decaídas*. Nesta reclamação aparece também uma condescendência e naturalização dos cavalheiros à caça de aventuras, uma vez que não são eles que constituem ameaça às famílias, mas o problema é a confusão que fariam ao trocar prostitutas com senhoritas. Ou melhor, o problema são as prostitutas *desfilando* e

não (ou não também) os cavalheiros. Claramente pedindo uma intervenção policial para resolução desse problema, o relato evidencia uma moralidade ainda bastante presente⁶.



(SANTOS, 2008, p.26)

- 32 Já esta segunda reclamação, é de abril de 2004 e foi publicada no jornal Interbairros, com relação à presença de travestis profissionais do sexo em um valorizado bairro da cidade de Campinas. Esse período foi marcado pelo movimento de moradoras/es do tradicional bairro Bosque, que promoveram uma série de rechaços contra a presença de travestis. Estas foram consideradas uma ameaça às famílias do bairro e este embate aparece cuidadosamente relatado na dissertação de Paulo Reis dos Santos (2008). Assim como sugere Hélio Silva, há uma “potencialidade corrosiva na simples presença” (2003, grifos do autor - p.57) das travestis nas ruas, que inclusive são referidas no masculino neste relato do jornal.
- 33 O intuito da notícia era alertar para o fato de que *este é um bairro onde moram famílias com crianças e não local para prática libidinosa que se vê atualmente*. Contudo, nesta notícia aparece uma dimensão nova, em relação à anterior publicação de jornal. Há uma crítica direta aos *frequentadores ou chamados clientes*, referidos também como *fregueses*, marcadamente entre aspas, que tornam-se inclusive alvo de ameaça. Por serem pessoas de *alta cúpula*, suas fotos poderão ser divulgadas na internet, causando assim vergonha. Essa mudança de alvo da crítica, pode ser explicada pelo fato de que são travestis que se prostituem. Ainda pensando em padrões idealizados de sexualidade, parece legítimo que homens busquem o que consideram mulheres para prostituição, mas não travestis. Como se ao buscá-las sua masculinidade fosse afetada e a prática que é considerada corrosiva (também ou mais) para travestis, contaminasse também os homens que as procuram; além, é claro, de afetar as famílias e crianças.
- 34 De qualquer forma, trazer estes dois relatos tem o objetivo de mostrar como a prática da prostituição é considerada incompatível, mas não algo a ser completamente eliminada.

Aparece incompatível com os bairros e pessoas em questão, todas alocadas e protegidas sob a identidade de *famílias*, mas de alguma forma fica autorizada a prática da prostituição, contanto que seja separada dessas famílias. Embora com uma diferença de cerca de 30 anos, o discurso em prol da família é acionado e colocado como polo oposto e excludente da vivência de prostitutas mulheres e travestis, indicando ideais normativos acerca do comportamento (hetero)sexual de homens e mulheres e só estes enquanto pares necessariamente complementares. Ademais, as duas notícias publicadas em jornais de Campinas, tiveram consequências que levaram e reforçaram a prática da prostituição no bairro Jardim Itatinga por parte de mulheres e de travestis.

- 35 O **terceiro** aspecto de uma heterotopia é a possibilidade de justapor em um mesmo lugar real, espaços que por si só seriam contrastantes. Exemplos como um palco de teatro e uma tela de cinema são acionados por Foucault, pois ilustram a possibilidade de condensar múltiplos e incompatíveis espaços. Com relação ao que foi dito anteriormente, da separação família-prostituição, pode-se pensar nos exemplos das placas com os escritos “residência familiar” do Jardim Itatinga. São residências no bairro, mas marcam uma diferença, de que são casas onde residem famílias e não são locais onde se realizam programas, como é o caso da maioria das outras construções do bairro.
- 36 A própria noçãoêmica de *casa* para um local onde se realiza um programa da prostituição parece ser um elemento interessante para reunir a noção de família e prostituição, sobretudo no caso das travestis, que costumam morar nessas mesmas casas onde fazem programas.
- 37 Nesse sentido, há profissionais do sexo que se vangloriam de sua profissão e afirmam que é por meio desta que conseguem criar e pagar estudos para si e para suas filhas. Com frequência eu ouvia argumentos que indicavam a prostituição como uma forma para mulheres de obter renda e sustentar seus filhos. Uma vez conheci Renata no ponto de ônibus. Uma mulher negra e jovem que vinha duas vezes por semana para o bairro, enquanto deixava seu filho com sua mãe em São Paulo. Contou de um marido francês que teve por anos e disse que *até* gostava dele, mas que era uma situação cômoda, vendo-o somente duas vezes ao ano. Ela se organizava para se deslocar e ir trabalhar no Jardim Itatinga, no horário das 8 às 18h dizendo que preferia não morar lá, pois ficar sempre no bairro era prejudicial e acomodante, pelo dinheiro ganho, de forma que muitas de suas amigas nem pensavam em *sair*. Conheci também Lurdes, mulher branca, que após ter se divorciado do marido, já com seus quase quarenta anos, encontrou na prostituição uma forma de sustento. Com o mesmo perfil, Mirtes me contou que era casada e seu marido não a deixava trabalhar fora. Com o falecimento dele, ela se viu diante de filhos para criar e *sem saber fazer nada*, começou assim a trabalhar no Jardim Itatinga.
- 38 No caso destas poucas mulheres que pude conhecer no Jardim Itatinga, esta relação com a família, especificamente (com o fim do) casamento com homens, parecia ser um motivador do início na prostituição. Assim como são comuns casos nos quais, ao se casar, elas deixam de realizar programas ou reduzem a frequência. Mais do que excludentes, arranjos matrimoniais e trabalho na prostituição constituem um “continuum”, sobretudo considerando quando as parcerias afetivo-sexuais são também donas ou donos de casas de prostituição. Dessa forma, no Jardim Itatinga a justaposição de arranjos familiares, matrimoniais e arranjos de trocas na prostituição se combinam, de forma a questionar esta separação, aproximando os polos do construído binarismo “santa X puta”⁷.
- 39 Outro exemplo de coexistência de valores contrastantes no mesmo lugar, que apontaria para o Jardim Itatinga como heterotopia, pode ser expresso pelos espaços do CEPROMM.

Esse Centro é uma ONG criada em 1993, ligada à Pastoral da Mulher Marginalizada, com sede no bairro e que tem uma perspectiva de salvação das profissionais do sexo⁸. A existência e atuação desta instituição no bairro é curiosa, pois com o intuito de *salvar as pessoas em situação de prostituição*, acaba proporcionando um serviço de creche para filhas/os das profissionais e possibilitando eventos que dinamizam as vidas das pessoas nesta prática. Tais serviços e eventos são apropriados pelas profissionais do sexo do bairro, que se aproximam do espaço, mas não dos objetivos do CEPROMM.

- 40 Complementar a este movimento de ressignificação que valoriza a prostituição, há a luta de Betania Santos, e mantenho seu nome por reconhecimento e admiração pela sua militância pública. Sua trajetória é interessante, tendo começado seus estudos por conta desta Pastoral e brincando com o jogo de palavras, diz que *é filha da Pastoral*. De início, fazia trabalhos alinhados com a ideia de *tirar as mulheres em situação de prostituição*. Mas continuando a realizar programas e alegando que possui *mestrado e doutorado em putaria*, Betania é hoje uma fundamental impulsionadora da Associação Mulheres Guerreiras. Seus anseios são diferentes: enquanto o CEPROMM pretende combater a prostituição – equiparada com exploração sexual; Betania reivindica melhores condições para realização de seu trabalho – exigindo por exemplo: diminuição da burocracia na retirada de preservativos, distribuição efetiva de lubrificantes e facilitação da administração do coquetel, quando estouram camisinhas. São serviços parcialmente efetivados no Posto de Saúde, que foi criado no bairro e é uma das conquistas da Associação. Quanto a estes objetivos diferentes, Laura Agustín afirma que o impulso de quem quer ajudar, pode ser controlador e incompatível com os desejos de quem migra e/ou se dedica ao trabalho sexual (2005, p.121)
- 41 O **quarto** princípio esboçado por Foucault assegura que as heterotopias também estariam em relação com *recortes do tempo*, chamados de *heterocronias*, como se um espaço heterótopo também apresentasse uma passagem do tempo mais característica, numa articulação complexa entre espaço e tempo. Bibliotecas e museus seriam exemplos, por refletirem uma acumulação de tempo em um mesmo espaço, ao passo que festas também são citadas, de forma oposta, nas quais em um curto período de tempo haveria acúmulo de lugares.
- 42 Diante deste aspecto com relação a um tempo particular, Foucault cita também casas de prostituição. Esse exemplo se encontra na versão traduzida pela Editora n-1, argumentando que “casas de tolerância” seriam heterotopias, uma vez que o horário de início de trabalho seria às seis horas da tarde (2013a, p. 26), contrastando com a lógica do usual *horário comercial*.
- 43 O Jardim Itatinga, enquanto uma condensação de casas de prostituição, pode muito bem ser pensado com uma passagem do tempo característica, já que seu movimento funciona 24 horas, com alternância de profissionais do sexo e clientela. O movimento intenso mesmo durante o dia, aponta para uma especificidade da passagem do tempo no bairro. De dia e à tarde, os clientes costumam ir de forma mais pontual, com pouco tempo e com a intenção da realização de um programa. Não raro, enquanto eu ficava conversando, uma ou outra logo negociava com um carro e rapidamente voltava, depois de um programa encerrado em 20 minutos.
- 44 Desde a primeira vez que fui ao bairro, fiquei impressionada com a quantidade de carros de empresas, daqueles com escadas em cima, que entregam e realizam serviços, frequentes pelas ruas do bairro no período de manhã e tarde. Além de carros de manutenção de serviços, caminhões, motos e homens quase sempre sozinhos. É comum

ouvir que elas preferem fazer programas de tarde, pois são mais garantidos, mas nem todas, sobretudo as travestis, se sentem à vontade para circular durante o dia – embora o bairro garanta mais segurança do que outros pontos de rua. Isto porque é recorrente em etnografias junto a travestis apontar para sua circulação noturna, por receio de violências recorrentes à luz do dia. Esta vivência da e na noite é tão marcante que o trabalho de Hélio Silva o reproduz na organização de seu livro (2003), trazendo primeiro as cenas de tarde, depois de noite e só por fim, durante o dia, apontando para especificidade das vivências travestis na prostituição.

- 45 A noite do Jardim Itatinga, ao contrário do dia, é mais atrativa para grupos de jovens, para beber, flertar, ouvir música e não necessariamente realizar um programa. De qualquer forma, independente de período de férias e feriado o Jardim Itatinga não tem seu movimento muito alterado, sendo sempre bastante buscado para realização de programas. Em um dia de frio e chuva, perguntei a uma comerciante de um bar se o movimento caía por isso, mas ela categoricamente afirmou que não mudava nada. Segundo ela, a variação do movimento tem a ver com final de semana, sempre mais cheio, e sobretudo com o dia de pagamento. Isto aponta para uma determinada clientela de trabalhadores assalariados - embora carros luxuosos de clientes também transitem pelo bairro. Trabalhadores assalariados que recebem no começo do mês compõem a maioria dos carros de clientes, fazendo com que o bairro fique mais frequentado quando recebem salário e isto conforma uma lógica de funcionamento que aproxima a passagem de tempo no bairro com as lógicas de fora dele.
- 46 Outro exemplo dessa conexão com o tempo *fora* do bairro pode ser lida pela fraca movimentação durante os jogos do Brasil na Copa do Mundo de 2014. Durante o jogo que assisti no Jardim Itatinga, quase não passaram veículos e ao perguntar para Fafá se ela já havia visto o bairro tão deserto, ela alegou que isso só havia ocorrido no final de semana de violência policial. Somente o jogo de estreia da Copa foi considerado um sucesso pelas profissionais do sexo, comentando que *tinha até fila na porta*. Mas os seguintes ficaram somente como promessa de muitos clientes. Algumas alegaram que iriam para São Paulo, em busca de alguns programas, já que Campinas não estava atraindo estrangeiros.
- 47 Toda a movimentação anterior e durante os jogos da Copa do Mundo não parecia destoar do restante dos lugares, havendo uma proliferação de venda de camisetas da seleção e itens com as cores verde e amarela. Em sua apresentação nas ruas do bairro, muitas aderiram a algum item – sandália, blusa, calcinha, corneta – agenciando seu capital corporal na negociação do programa. Durante o jogo que assisti no bairro, nos reunimos em um boteco, e Marcia e as demais postavam na internet uma infinidade de fotos tiradas ao longo dos minutos do jogo. Ficamos reunidas diante de uma tv de tela média e imagem chuviscada, participando de um bolão (do qual não acertei o resultado da vitória de 4x1 da seleção brasileira sobre Camarões). Enquanto uma ou outra ficava meio à espera de clientes, dos raros carros que passaram durante o jogo, nenhum parou. Houve quem me dissesse que haveria clientes em busca de companhia para assistir aos jogos, o que não parece incomum pelos relatos de que além do prazer encontrado nas mais diversas formas de fetiche, muitos homens procuram um programa, querendo simplesmente companhia e nesse sentido as profissionais atribuem a si mesmas a função de *psicólogas do amor* (SOUSA, 1998, p. 118 – 119).
- 48 Quanto ao **quinto** princípio das heterotopias, Foucault afirma que apresentam um sistema de abertura e fechamento, tornando-se lugares igualmente isolados e penetráveis. Um exemplo trazido pelo autor é o^o de motel, no qual pode-se entrar de carro com a

amante, realizando um sexo considerado ilícito, mas de forma garantida e consentida (2013b, p.120). Em outra versão de tradução, há explicitamente o exemplo de uma *casa de tolerância*, pois justamente enseja o paradoxo de ser um local onde *fervor se emana* e um sexo igualmente considerado ilícito pode se concretizar (2013a, p.28).

- 49 Esta característica de uma certa liberalidade própria de um determinado espaço, pode ser pensada no Jardim Itatinga através da proliferação de estabelecimentos visivelmente destinados à prostituição, uma vez que ainda constam criminalizados perante a legislação brasileira. De fato, a expressão unânime de todas as pessoas que passam pelo bairro pela primeira vez é de espanto, perante a *normalidade* com a qual as mulheres e travestis ficam nas calçadas em seu trato com clientes. A enorme quantidade, variabilidade e visibilidade dos estabelecimentos também proporciona esse aspecto de uma realidade apartada do restante.
- 50 O **sexto** e último princípio esboçado por Foucault quanto à heterotopia situa esta como local que se relaciona com o espaço restante, apresentando determinada função. Ou trata-se de uma heterotopia de compensação, que cria um lugar extremamente meticuloso, para apontar como os demais são caóticos, ou pode ser uma heterotopia de ilusão, que cria um espaço de contestação de outros espaços reais – quanto a este tipo, novamente citam-se *casas de tolerância*.
- 51 A própria denominação enquanto *casas de tolerância* remete à ideia de mal necessário, já argumentada, acerca da prostituição ser estigmatizada. A separação do bairro Jardim Itatinga em relação à cidade de Campinas e a demarcação das “residências familiares” são exemplos disto e apontam para as oposições entre espaço público X privado, família X social. Nesse sentido, Foucault sugere que nossa noção de espaço talvez não tenha sido completamente *dessacralizada*:
- talvez, nossa vida ainda seja comandada por um certo número de oposições nas quais não se pode tocar, e que a instituição e a prática até agora não ousaram atacar: oposições que admitimos como inteiramente dadas – por exemplo, entre o espaço privado e o espaço público, entre o espaço da família e o espaço social, entre o espaço cultural e o espaço útil, entre o espaço de lazeres e o espaço de trabalho; todas elas são animadas ainda por uma surda sacralização. (2013b, p.114)
- 52 São estas oposições que ao mesmo tempo apartam e aproximam o bairro do restante de lógicas e códigos. Não só as casas de prostituição, mas todo o bairro Jardim Itatinga apresenta esta relação com o entorno, de relativa autonomia.

Violência policial

- 53 Se por um lado há esta lógica própria do Jardim Itatinga, também há essa constante relação com o entorno, que ficou mais evidente para mim, sobretudo por conta da já mencionada violência policial que ocorreu no bairro em outubro de 2013¹⁰. A reunião que ocorria no relato inicial, impulsionada pela Associação Mulheres Guerreiras, tinha o objetivo de continuar o diálogo sobre as ações legais tomadas contra este episódio ocorrido no bairro por um final de semana inteiro. Após a morte de um sargento no bairro vizinho, policiais militares foram ao Jardim Itatinga na sexta-feira à noite e abordaram de forma violenta moradoras/es e trabalhadoras/es, impedindo que circulassem pelas ruas do bairro. Dentre relatos de *cárcere privado* e *toque de recolher*, policiais militares também sitiaram o bairro por três dias, impedindo que serviços fossem entregues no bairro e que clientes acessem a ele¹¹.

- 54 De acordo com o que já foi descrito, as ruas do bairro figuram como locais importantes para negociação do programa, sobretudo porque os clientes chegam quase que exclusivamente em veículos. A importância econômica das casas e da prostituição realizada em parte nestas e em parte nas ruas do bairro é tamanha, que interromper esta movimentação foi alegado como modo de fazer com que as pessoas falassem o que sabiam sobre a morte do sargento.
- 55 Segundo Márcia:
- Márcia: Nunca tinha visto, nunca tinha nem presenciado, de você ser presa dentro de casa, de não deixar você sair e ser agredida verbalmente e até fisicamente. Entraram nos quartos, reviraram tudo. Tinham assassinado um sargento. [...] Eu não fui agredida porque eu O- BE-DE-CI, né.
- L: Qual era a ordem?
- Márcia: De entrar pra dentro e não sair pra nada, de não ir pra lugar nenhum, então eu assim, eu não fui agredida fisicamente, mas verbalmente eu fui, porque eu tava saindo pra comprar coisas no mercado e eles falaram pra mim entrar pra dentro, que se não ia enfiar o cassetete no meu cu, já que é o que eu tava querendo e não sei o que... Então pra mim isso é agressão. Que ia enfiar na minha boca, não só pra mim, pra todas as outras aqui de casa.
- 56 Márcia, ao contar da ameaça do cassetete no seu cu, não só pra ela, mas também pras outras travestis, demonstra que a abordagem policial com elas pode ser ainda mais carregada de preconceitos e possui uma especificidade caracterizada como transfobia. Na continuação da entrevista, ela revela uma noção aguçada do (des)serviço policial, quando trata-se de travestis na prostituição de ruas:
- L: E o que você acha da polícia?
- Márcia: Acho eles uns idiotas, uns fdp. Assim, sabe o que que eu acho ruim? Que a gente tem medo de pessoas que tão ali na sociedade pra poder proteger a gente. Então eu vou ter medo de uma pessoa, eu tenho medo da lei.. não da lei, mas das pessoas que servem à lei. Eu não, a gente tem... (Entrevista realizada dia 22/04/2014)
- 57 Luana, que também estava presente durante o ocorrido, contou que o bairro ficou sombrio, só com a circulação de policiais e as luzes dos postes, referindo-se à ausência do rotineiro movimento de carros de clientes, que iluminam e enchem as ruas. Dentre os resultados da violenta abordagem policial, ocorreram ofensas verbais, xingamentos contra um casal de lésbicas que gerencia um bar, quebra dos braços de uma prostituta estrangeira e um tiro disparado. O *toque de recolher* configurou uma situação de *cárcere privado*, bem como foi relatado por uma moradora, que alegou não poder nem sair nas ruas, ao aviso dos policiais dizendo que enquanto não achassem o culpado, *ninguém poderia trabalhar*.
- 58 Isto se refere à enorme quantidade de comércios variados que coexistem no bairro e segundo esta moradora *isso aqui é uma pirâmide, um depende do outro*. Em seu caso, ela e seu marido possuem barraquinhas que vendem comidas e sua mãe cuida de crianças *das meninas que trabalham* e também lava suas roupas. Reafirmando essa dependência entre as/os moradoras/es do bairro, ela comentou que estas *meninas* teriam ficado também sem comer, uma vez que entregadores não podiam adentrar o bairro e nas ruas onde elas geralmente comem nessas barraquinhas, não se podia ficar. Por este motivo, ela e sua mãe, que moram numa dessas casas com escrito “residência familiar” também participaram da manifestação de protesto ocorrida na rodovia.

- 59 Na segunda-feira, terceiro dia no qual o Jardim Itatinga amanheceria com as pessoas sem poder circular, ocorreu a decisiva atuação das pessoas do bairro, que ocupando as pistas da Rodovia Santos Dumont, interromperam o trânsito de veículos. Com o objetivo de chamar atenção para violência em curso essa atuação fez com que aos poucos o movimento e as atividades fossem retomadas no bairro.
- 60 A ideia de *pirâmide* relatada revela-se na quantidade de serviços que existem no bairro, que funcionam em relação direta com as pessoas e com os estabelecimentos envolvidos com a prostituição. As profissionais do sexo são também consumidoras de comida, oferecidas em estabelecimentos ou em barraquinhas e são também ávidas compradoras de roupa e produtos de beleza. Aparece então, outro lado do negócio que movimenta o bairro: além dos estabelecimentos para realização de programas, há o Posto de Saúde, salões de beleza, postos de gasolina, ponto de táxi, mercados, lojas de roupa, estúdio de tatuagem, consultório de dentista, consultório de psicanalista e ambulantes que prestam diversos serviços - como aqueles que possuem um ponto mais ou menos fixo em uma esquina ou aqueles que percorrem as ruas vendendo algo. Há a venda de produtos tanto para os clientes quanto para as profissionais do bairro, para as quais já presenciei a venda de DVDs piratas, roupas, calçados, doces, salgados e produtos de beleza e farmácia.
- 61 Estes últimos merecem especial atenção uma vez que no bairro não há uma farmácia e todos os produtos são revendidos a preços absurdamente mais caros. Já constatei carros de marcas de produtos de beleza, com suas revendedoras que paravam na frente de cada casa de prostituição, oferecendo-os para as profissionais do sexo. É a dinâmica de trabalho das profissionais do sexo que faz com que produtos e serviços sejam negociados nas ruas, de porta em porta e talvez isso justifique os preços abusivos. Um maço de cigarros que é normalmente vendido a cerca de R\$ 6,00 é lá revendido a R\$10,00. Márcia diz saber que os preços dos produtos que compram no bairro, como hidratantes, são muito mais caros, mas alega que é mais prático do que se deslocar para comprá-los.
- 62 Outro serviço frequente nas calçadas, em frente às casas de prostituição é o de manicure. Uma vez participei de uma conversa interessante com uma manicure, uma senhora branca, com seus cabelos curtos também brancos e óculos de grau. Enquanto fazia as unhas de Betania, falavam sobre valores de seus lucros. Betania comentava sobre sua tentativa de abrir um salão de beleza, mas que fazer uma escova demorava 2 horas e só valia R\$ 40,00, ao passo que um *programinha* de meia hora lhe rendia R\$ 50,00. Afirmava que enquanto profissional do sexo ganhava muito mais e a manicure também aproveitou para dizer que só trabalhava no Jardim Itatinga e isso lhe rendia muito dinheiro - sendo que ao levantarem os valores, o da manicure correspondia à metade do lucro da profissional do sexo. Esta senhora também alegou que por seu trabalho no bairro ela via *cada coisa* que lhe fazia pensar que *homem não presta mesmo* e por isso ela contava não ter se casado.
- 63 Outra manicure, Virgínia, que apareceu na descrição inicial, costumava fazer as unhas de muitas travestis do bairro. Ela me contou que foi trabalhar no Jardim Itatinga pois não queria mais ficar com seu marido. A única alternativa era sair de sua cidade de origem e já em Campinas apareceu a oportunidade de trabalhar no bairro, o que ela dizia ter sido assustador no começo. Há 17 anos Virgínia trabalhava ali como manicure e vendedora de produtos rendados, alegando que passou a *gostar muito do bairro* e de seu trabalho, até porque por meio disto havia conseguido comprar seu carro. Negra e evangélica, enfatizava que havia justificado para seu pastor o fato de trabalhar no Jardim Itatinga. Em sua conversa aparecia constantemente essa forma de se justificar, jogando com o estigma

e preconceito associados ao bairro, assim como uma certa culpa por sua filha ter trabalhado lá como profissional do sexo. Virgínia se culpava, pois havia largado seu marido, trazendo sua filha para morar com ela no bairro. No começo, sem nada, dormiam em um colchão no chão, e aos poucos ela foi juntando dinheiro, até conseguir morar do outro lado da rodovia, no bairro vizinho. Sua história contada em tom de superação se combinava com uma progressiva aceitação das pessoas do bairro, afinal relatadas como *amigas*, e pelas quais se dizia agradecida, fazendo *entender melhor a profissão da filha*. Enfaticamente contou que sua filha *escolheu* ser profissional do sexo, embora tenha se casado, largando a profissão e o bairro.

- 64 Portanto, a análise aqui proposta pretendeu descrever e analisar a prática da prostituição, realizada especificamente por travestis, sugerindo seu caráter laboral por ser realizado em estabelecimentos comerciais próprios ao bairro. As vivências de travestis, de profissionais do sexo e no Jardim Itatinga se equiparam, demonstrando a necessidade de uma análise que não foque somente uma dessas dimensões, mas que as considere em relação. O caráter relacional foi também esboçado para o bairro, pela sua relativa autonomia na qual trocas sexuais são aberta e diariamente realizadas em suas ruas. Considerando então a violência ocorrida no Jardim Itatinga, o movimento deste artigo pretendeu perpassar e extrapolar a noção do bairro, abordando vivências que remetem (mas não só) ao trabalho na prostituição e abordando trocas econômico-sexuais engendradas na prática da prostituição.

BIBLIOGRAFIA

- AGIER**, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.
- AGUSTÍN**, Laura M. La industria del sexo, los migrantes y la familia europea. In: *Cadernos Pagu* (25), 2005.
- FOUCAULT**, Michel. *O corpo utópico; As heterotopias*. São Paulo: n-1 Edições, 2013a.
. *De espaços outros*. Revista Estudos Avançados vol.27, n79. 2013b.
- FRÚGOLI JR**, Heitor. A questão da centralidade em São Paulo: o papel das associações de caráter empresarial. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, 16, 2001.
- HELENE**, Diana. “A invenção do Jardim Itatinga: o planejamento urbano e a Prostituição”. 28ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2012, São Paulo.
- MAZZARIOL**, Regina Maria. *Mal necessário: ensaio sobre o confinamento da prostituição na cidade de Campinas*. Dissertação de mestrado, Unicamp, 1976.
- MCCLINTOCK**, Anne. *Couro Imperial; raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas, Editora da Unicamp, 2010.
- NASCIMENTO**, Silvana de S. “Corpo-afeto, corpo-violência: experiências na prostituição de estrada na Paraíba”. *Revista Ártemis*, Vol. XVIII nº 1; jul-dez, 2014.

- PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids*. 2009
- SANTOS, Paulo Reis dos. *Entre necas, peitos e picumãs: subjetividade e construção identitária das travestis do Jardim Itatinga*. Unicamp, 2008.
- SILVA, Hélio. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.
- SKACKAUSKAS, Andreia. *Prostituição, gênero e direitos: noções e tensões nas relações entre prostitutas e Pastoral da Mulher Marginalizada*. UNICAMP, 2014.
- SOUSA, Francisca Ilmar. *O Cliente: o outro lado da prostituição*. Fortaleza, AnnaBlume, 1998.
- STRATHERN, Marilyn. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: CosacNaify, 2014.
- TAVARES, Aline G. C. *A organização da Zona: notas etnográficas sobre relações de poder na zona de prostituição Jardim Itatinga, Campinas –SP*. Unicamp, 2014.
- TEIXEIRA, Flávia B. *L'italia dei divieti: entre o sonho de ser europeia e o babado da prostituição*. In: *Cadernos Pagu* (31), 2008.
- WITTIG, Monique. *The Straight Mind: and other essays*. 1992.
- ZANZOTTI, Maria Isabel. *Nas margens do corpo, da cidade e do estado: educação, saúde e violência contra travestis*. Usp, 2015.

NOTAS

1. Este artigo é um recorte, adaptado de um capítulo da minha dissertação de mestrado *As corajosas: etnografando experiências travestis na prostituição* (2015).
2. Saliento que os valores correspondem a janeiro de 2015 e que todos os nomes das pessoas foram aqui transmutados, tanto para preservá-las, quanto pelo entendimento do caráter ficcional dos textos antropológicos.
3. Neste curto texto, as noções de *cultura*, *sociedades ditas 'primitivas'* não aparecem bem pontuadas e são contrastantes com a abordagem antropológica deste artigo, mas a conceitualização de heterotopia parece válida para o exercício aqui proposto.
4. Não será possível aprofundar aqui o debate e a situação paradoxal de semilegalidade da prostituição, mas cabe indicar que o trabalho de profissional do sexo é garantido pela Classificação Brasileira de Ocupações, ao passo que há ainda a criminalização de casas de prostituição e de quem as gerencie.
5. Há uma grande discussão quanto à heterossexualidade das travestis e dos clientes que as buscam, como traz com atenção Larissa Pelúcio, ao analisar os T-lovers (2009). Contudo, muitas vezes ouvia delas que quanto à sexualidade, consideravam-se *gays mesmo*. Luana uma vez foi categórica ao dizer: *sou gay ué, gay é mais geral, já dá pra entender e depois vem que sou travesti*.
6. Esta moralidade que perpetua a separação entre mulheres de família e mulheres prostitutas, liga-se com uma ideia de degeneração atribuída a mulheres que trocam serviços sexuais por retribuições financeiras. Um exemplo disto encontra-se no PL377/2011 – que tipifica o crime de contratação de serviço sexual. Proposto pelo deputado federal, pastor evangélico e delegado de polícia João Campos do PSDB/GO, a justificativa alegada neste projeto centra-se na ideia da prostituição como contrária a “integridade sexual”. <http://www.joaocampos.com.br/pl-3772011/>
7. Contudo, a noção de puta, com toda essa carga negativa e distante da noção de família pode e é muitas vezes reproduzida mesmo pelas que realizam programas, sugerindo uma distinção ente puta e profissiona do sexo. Lembro-me sobretudo de uma mulher que contava do seu trabalho no Jardim Itatinga, recebendo 90% dos homens que eram casados, mas que fora dali, ela não se

relacionava assim. Transparecia de alguma forma a recriminação moral do comportamento sexual de mulheres que se envolveriam com homens casados.

8. Parte da visão desta instituição consiste em “ser um centro de excelência e referência de prevenção à prostituição e combate a violência, ao abuso e à exploração sexual”. Ver mais em: <http://www.cepromm.com.br/quem-somos/>. Para uma análise detalhada dos discursos e da atuação da Pastoral da Mulher Marginalizada junto às prostitutas ver (SKACKAUSKAS, 2014)

9. parece improvável entrar de carro num quarto.

10. Para mais informações sobre este ocorrido, ver também TAVARES, 2014 e ZANZOTTI, 2015.

11. Na época do ocorrido, os policiais abordaram violentamente também outros dois bairros periféricos e próximos de onde ocorreu a morte do sargento - DIC I e Ocupação Joana D'arc - mas a abordagem que durou pelo final de semana inteiro ocorreu somente no Jardim Itatinga. A Câmara Municipal de Campinas, ao chamado do vereador Carlão do PT e de Paulo Mariante (PT) do Conselho de Direitos Humanos de Campinas, reuniu relatos dessa violência policial ocorrida nestes três bairros e levou adiante uma ação no Ministério Público - <http://cartacampinas.com.br/2013/11/vitimas-da-violencia-policial-relatam-casos-na-camara-municipal-de-campinas/>. Foi ter participado desta reunião, ouvindo variados relatos da atuação violenta e preconceituosa dos policiais em todos os níveis - contra prostitutas, travestis, negros, pobres - que ficou clara para mim uma dimensão do bairro a ser pensada de maneira semelhante a outros bairros, podendo entendê-lo como periférico. Ficou latente também a necessidade de fazer esta análise de maneira interseccional, por meio da articulação de marcadores sociais da diferença, tais como raça, classe, gênero e sexualidade (MCCLINTOCK, 2010).

RESUMOS

Neste artigo o exercício descritivo é também abordagem metodológica e objetivo analítico. Em diálogo direto com a noção de heterotopia de Michel Foucault, o bairro vai se apresentando como tal, em uma particular relação de autonomia e ligação com outros espaços. Desse exercício, vai se delineando a conformação do bairro relacionada à prática da prostituição, em arranjos de estabelecimentos diversos e focando na prática de travestis que lá realizam programas. A centralidade da prostituição para o bairro fica evidente também pelo relato de violência policial ocorrida em 2013 como forma de retaliação, suspendendo as atividades econômicas. O argumento percorrido é da indissociabilidade analítica quanto às vivências de travestis, enquanto profissionais do sexo e especificamente no bairro Jardim Itatinga (Campinas -SP).

In this article the descriptive exercise is also the methodological approach and the analytical objective. In direct dialogue with Michel Foucault's notion of heterotopia, the neighborhood presents itself as such, in a particular relationship of autonomy and connection with other spaces. From this exercise, the conformation of the neighborhood related to the practice of prostitution in varied business arrangements is outlined and focusing on the practice of travestis who conduct sex work there. The centrality of prostitution in the neighborhood is also evident by the report of police violence in 2013 as a form of retaliation, suspending economic activities. The argument is based on the analytical indissociability regarding the experiences of travestis, as sex workers and specifically in the neighborhood of Jardim Itatinga (Campinas -SP).

ÍNDICE

Keywords: Urban Anthropology, Prostitution; Travesti, Heterotopia, Police Violence

Palavras-chave: Antropologia Urbana, Prostituição, Travestis, Heterotopia, Violência Policial

AUTOR

LETIZIA PATRIARCA

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS/USP).

e-mail: patr.letizia@gmail.com